

A Crise Europeia: Entre o niilismo do presente e a invenção do futuro

Silvério da Rocha Cunha · Irene Viparelli (*coords.*)

La Crisi Europea:
Tra nichilismo del presente
e invenzione del futuro

lúmus

A crise internacional de 2007/2008 veio, indubitavelmente, inaugurar uma nova época da história europeia, caracterizada pela ininterrupta proliferação de sucessivos cenários de emergência. De facto, poder-se-ia interpretar a história mais recente da União Europeia como um verdadeiro “estado de exceção permanente”, em que as crises não deixam de se multiplicar: *Grexit*, crise da dívida soberana, populismos reacionários, terrorismo, crise dos refugiados, *Brexit*. A progressiva complexificação e deterioração do quadro político têm empurrado a crise da Europa até um ponto que parece sem retorno – o de um *impasse* político insuperável e de um bloqueio definitivo do seu projeto constituinte –, chegando a colocar em causa a própria sobrevivência da União. Contudo, é impossível considerar este presente europeu, tão incerto e precário, apenas como uma consequência da crise internacional de 2007/2008, uma vez que ele se enraíza na complexidade da própria história europeia, isto é, nas bases heterogêneas, e por vezes contraditórias, do seu processo de integração.

ISBN 978-989-755-405-6



cicp Centro de
Investigação em
Ciência Política


UNIVERSIDADE DE ÉVORA


Universidade do Minho

 REPÚBLICA
PORTUGUESA

FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

Índice

7	Nota prévia
11	L'Europa centrifuga. Debolezze istituzionali, nuova governance economica <i>Alessandro Arienzo</i>
37	Crisi dell'euro nel quadro dei conflitti interimperialistici, e internazionalismo proletario in un'analisi di Guglielmo Carchedi nel 2012 <i>Giuseppe Antonio Di Marco</i>
55	Um mundo em dissonância <i>Marco António Batista Martins</i>
69	Para um cosmopolitismo da proximidade <i>André Barata Nascimento</i>
83	A Europa e o colapso: Uma reflexão a partir do discurso político de Carlos Taibo <i>João Inácio Tavares Roberto</i>
103	A grande dissonância cognitiva: quatro reflexões aporéticas em torno da crise europeia <i>Silvério da Rocha-Cunha</i>
121	Transnacionalizzazione della democrazia: un'utopia realista per superare la crisi dell'Europa <i>Anna Pia Ruoppo</i>

A CRISE EUROPEIA: entre o nihilismo do presente e a invenção do futuro

Coordenadores: Silvério da Rocha Cunha
Irene Viparelli

Capa: Sal Design Studio

© 2019, Edições Húmus

Edições Húmus, Lda., 2019

Apartado 7081

4764-908 Ribeirão – V. N. Famalicão

Telef.: 926 375 305

humus@humus.com.pt

ISBN: 978-989-755-405-6

Impressão: Papelmunde – V. N. Famalicão

1ª edição: Abril de 2019

Depósito Legal:454975/19

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UID/CPO/00758/2013

141 Un «piccolo angolo di mondo». L'Europa nell'analisi di Karl Marx (1850-1858)
Giovanni Sgro

153 Balibar di fronte alla crisi europea. La scissione di transindividualità e transnazionalità
Irene Viparelli

173 Os Autores

Nota prévia

A crise internacional de 2007/2008 veio, indubitavelmente, inaugurar uma nova época da história europeia, caracterizada pela ininterrupta proliferação de sucessivos cenários de emergência. De facto, poder-se-ia interpretar a história mais recente da União Europeia como um verdadeiro “estado de exceção permanente”, em que as crises não deixam de se multiplicar: *Grexit*, crise da dívida soberana, populismos reacionários, terrorismo, crise dos refugiados, *Brexit*. A progressiva complexificação e deterioração do quadro político têm empurrado a crise da Europa até um ponto que parece sem retorno – o de um *impasse* político insuperável e de um bloqueio definitivo do seu projeto constituinte –, chegando a colocar em causa a própria sobrevivência da União. Contudo, é impossível considerar este presente europeu, tão incerto e precário, apenas como uma consequência da crise internacional de 2007/2008, uma vez que ele se enraíza na complexidade da própria história europeia, isto é, nas bases heterogêneas, e por vezes contraditórias, do seu processo de integração. Com efeito, desde os seus primeiros passos, o projeto de unificação económica e política da Europa tem refletido uma profunda tensão entre o ideal de uma expansão transnacional do paradigma democrático

Um mundo em dissonância

Marco Antônio Baptista Martins

O dia 17 de dezembro de 2010 ficará marcado, no túnel do tempo histórico, como o fatídico dia que viria a transformar parte do Médio Oriente e norte de África num furor de esperança denominado “Primavera Árabe”, em que, na pacata cidade de Sidi Bouzid, geograficamente localizada a 260 quilómetros de Tunes, se assistiu à imolação pelo fogo de um jovem de vinte e seis anos de idade, licenciado em Informática (apesar de existir informação contrária de que apenas possuía o *Baccalauréat*), conhecido por Mohamed Bouazizi e considerado como o “pai da revolução tunisina”, o qual, pouco antes de falecer a 4 de Janeiro de 2011, no hospital em Ben Arous, recebeu a visita do então Presidente Zine Ben Ali que, posteriormente, viria a ser destituído a 14 de janeiro de 2011. Tal ato, considerado de extremo desespero e violência, surtiu efeito por ter sido confiscado pelas autoridades o carrinho de venda ambulante de frutas e verduras a Bouazizi, cuja memória, a partir desse mesmo instante, se refletiria como uma suspensão temporária do tempo presente localizado no futuro da sua vida que terminara, por decisão do poder vigente, o simples direito do direito à vida.

Assim, Bouazizi, após esgotadas inúmeras tentativas de reaver o seu único meio de sustento, optara por deixar no ciberespaço, precisamente na sua página pessoal do *Facebook*,

o testemunho direto na primeira pessoa do ato que viria mais tarde a cometer, pedindo, acima de tudo, perdão à sua mãe, e culpabilizando não só a realidade bem como o sistema vigente. Recordemos as suas palavras, perpetradas no espaço virtual global comum:

Minha mãe, eu estarei viajando, perdoe-me. A censura não é útil, eu estou perdido no meu caminho e não está na minha mão, perdoe-me minha mãe se desobedei às suas palavras, culpabilize os nossos tempos e não a mim, eu estarei a ir e não regressarei, olha eu não chorei e as lágrimas não caem dos meus olhos. A censura não é útil em tempos de traição na terra do nosso povo. Eu estou doente, não na minha mente, por tudo aquilo que aconteceu. Eu estou a viajar e eu estou a perguntar quem lidera a viagem para esquecer!¹.

A viagem iniciada por Bouazizi, cujo ponto de origem se localizou na cessação do direito à vida e se projetou para a realidade virtual do ciberespaço, leia-se *Facebook* e *Twitter*, antes de se transferir ou de regressar para o campo de batalha convencional, no qual retomamos a célebre frase de Carl Von Clausewitz, mas na forma readaptada ao caso concreto, ao referir que a «ciberguerra não é mais do que a continuação da guerra por outros meios».

Assim sendo, o cenário de crescente volatilidade sentido e vivido no Médio Oriente não só engendrou o ato, por ventura qualificado de inimaginável, de abate na lógica sequencial iniciada com Saddam Hussein por enforcamento (30 de Dezembro de 2006); Osama Bin Laden por operacionais

1 Saqer, G., «The last Facebook status update of Bouazizi who set him self on fire starting the Tunisian revolution», *Arab Crunch*, 2011 (<http://arabcrunch.com/2011/01/the-last-facebook-status-update-of-bouazizi-who-set-himself-on-fire-starting-the-tunisian-revolution.html>).

da US Navy SEAL e da CIA (2 de Maio de 2011); o ex-líder da Líbia, Muammar Gaddafi, diga-se de passagem profetizado pelas forças ocidentais da NATO sob o nome de «Odiseia do Amanhecer», em alusão à *Odiseia* de Homero e concretizado pelos opositores domésticos, no dia 20 de Outubro de 2011, com transmissão via *network structure*, *Youtube* e *Aljazeera* – como também tem vindo a incentivar à criação de uma *umma*, de uma comunidade pautada pela defesa do direito à existência do ser humano com a dignidade que lhe advém contra regimes autoritários que possam instigar à pobreza extrema ou, por outras palavras, impedir a mera sobrevivência ou prática religiosa.

Paralelamente a esta Primavera Árabe, que possivelmente se encontra numa fase de transformação em Outono Árabe, envolvendo em cenário não um conflito mas sim uma guerra opondo Israel ao Irão por ameaça nuclear, o mundo dito ocidental, por razões não de ordem de sistemas políticos autoritários mas de liberalismo económico e incapacidade da elite política em conseguir responder eficazmente à velocidade comunicacional dos fluxos de informação, numa perspetiva sistémica das relações internacionais que viajam entre *inputs* e *outputs* pelos ambientes externos e internos, tem vindo nos últimos tempos a interrogar-se sobre a perda de identidade e de valores humanos, na necessidade imperativa de reatar o diálogo perdido entre a sociedade civil e o escol político para res-taurar os direitos fundamentais da existência do ser humano que se prendem com o conceito da própria vida.

Nesse sentido, assinalemos que monges tibetanos, na província de Sichuan, como forma de protesto contra a atuação do regime chinês na intolerância a práticas religiosas no Tibete, que tem levado à detenção e à condução de monges para estabelecimentos prisionais por, alegadamente, prepararem um ataque bombista na sequência de uma explosão registada num

edifício governamental a 26 de outubro de 2011, na Prefeitura de Chandun, no Tibete, decidiram seguir nas últimas semanas pelo sacrifício da própria vida, utilizando a imolação pelo fogo, mas à data tal facto não deteve o impacto que causou no Médio Oriente, registando-se somente o silêncio da comunidade internacional, visto tratar-se de um assunto doméstico^[2].

Precisamente, os estigmas projetados para além do corpo humano na forma de *factos nacionais potencialmente internacionalizáveis* têm transformado o *mapa mundi* à escala global, onde começamos a pressentir gradualmente a aplicabilidade da *homeorhesis* nas relações internacionais pela aptidão que o sistema possui de se autotransformar ou de mudar-se para um outro, apesar da tendência vigente da comunidade internacional, que qualificáramos aqui de triangular (EUA, França e Alemanha, e somente quando necessário incluir-se-á o Reino Unido), para efetuar os seus esforços de *status quo* entre a *homeostase*, cujo objetivo visa precisamente a manutenção do sistema, e a *homeostática* na capacidade de absorver, sem modificar, o mesmo sistema.

Aliás, verifica-se praticamente a inexistência de guerras que oponham dois ou mais estados, mas, de acordo com o Heidelberg Institute for International Conflict Research, na sua publicação *Conflict Barometer* (2018), identificaram-se, para o ano de 2017, 222 conflitos violentos, 20 guerras, 16 guerras limitadas, para um total de 385 conflitos violentos e não violentos no panorama mundial. Procura-se, por conseguinte, no equilíbrio mundial a manutenção do grau ótimo de instabilidade que o sistema enquanto estrutura evolutiva seja capaz de absorver, sem colocar em causa o equilíbrio mundial de paz e segurança internacionais.

2 Raman, B., «As Tibet simmers, monks targeted», *The Pioneer*, 2011 (<https://groups.google.com/forum/#!topic/talk.politics.tibet/RBBvoPWNKmc>).

Note-se que, a título comparativo, no ano de 1945, a seguir à Segunda Guerra Mundial, observámos apenas 83 conflitos comparativamente com o ano de 2013. Importa, com certa nostalgia, no quadro das relações internacionais, recordar que outrora, sempre que um estado declarava guerra a outro, levava à cessação das relações entre ambos até à assinatura de um tratado que viria a restabelecer a ordem anterior; por outras palavras, procurava-se a guerra para obter paz, atualmente requer-se a paz para provocar a guerra.

Hoje, recorre-se ao conflito para justamente não outorgar a possibilidade de surgir uma guerra, sendo os estragos ocorridos de forma cirúrgica numa espécie de teste à capacidade tecnológica de ponta existente de matar na minimização de danos colaterais, entenda-se perdas humanas civis inevitáveis, porque, na maioria dos casos, as mesmas servem de escudos humanos. Observemos que, tendo em consideração que, segundo Adriano Moreira, todo o *facto nacional* pode ser *potencialmente internacionalizável*, referimos nesse caso que se evidência, por um lado, a transferência parcelar do poder soberano para o ambiente externo e, por outro lado, a continuidade do maquiavelismo que recorre sistematicamente à utilização da força para, posteriormente, (re)estruturar o normativismo internacional com impacto na ordem jurídica interna.

De facto, segundo as lições de Manuel García Morente, expressas nos *Fundamentos de Filosofia*, não existe facto ou coisa neste mundo que não seja passível de tomada de posição, mesmo que esta consista em apenas transmitir a indiferença pela não indiferença entre o não ser dos valores e o seu con-trabalho. Precisamente, talvez a dificuldade de o ser humano em protesto por não assumir a vontade tácita de uma minoria que advoga a descontinuidade da existência humana resida na compreensão dos direitos detidos na esfera armilar, tendo presente, conscientemente, as mensagens contidas de distopia

quer na *Guerra das Salamandras*, de Karel Capek, quer no *Deus das Moscas*, de William Golding, quanto à capacidade destruidora da humanidade e da correspondente perda de inocência.

O combate pela promoção de uma sociedade onde a liberdade venha a ser considerada como uma conquista, e não meramente por um valor de indiferença, insere-se numa acção nietzschiana na esfera da *vontade de poder* cuja decisão ou luta representa o desígnio do simples desejo de viver ou de morrer. Se, por um lado, o ser humano pretende reconstruir a imagem não distorcida e projetada de uma realidade em conflito para o ambiente interior de cada um de nós pelo recurso aos mais diversos meios, do mundo físico à Web 2.0, por outro lado o epicentro da realidade concreta localiza-se na conceção do ambiente externo como a imagem traçada pela diferença de dois mundos no quadro espaço-temporal do ser humano, no qual se assiste à intensificação da imprevisibilidade de acontecimentos nacionais com impacto internacional pela inconstância constante da ordem internacional.

Acrescentamos que, à data, cerca de 1,4 milhões de computadores XO foram entregues e distribuídos em 35 países, entre os quais Haiti, Afeganistão, Brasil e Uruguai, em nome do programa *One-Laptop-Per-Child*, promovido pelo anterior Secretário Geral da ONU, Kofi Annan, e pelo Professor Nicholas Negroponte (Diretor do MIT Media Laboratory) em 2005, para que não seja um mero utilizador do ciberespaço mas sim um programador dotado de conhecimento para abandonar a situação de exclusão com a qual se deparava.

Anotemos que o Ruanda, desde Setembro de 2008, tem seguido esse programa que consiste na distribuição a 100.000 crianças de computadores portáteis da marca XO, para evitar genocídios como aqueles praticados no passado, opondo tutsis e hútus, concretamente em 1994, que teriam vitimado cerca de um milhão de seres humanos, apenas por cada uma das etnias representar a diferença na igualdade. Sublinhemos ainda que

Jean Piaget defendia a esse título que a educação é capaz de salvar as sociedades de colapsos violentos e evitar, dessa forma, o surgimento de convulsões derivado da marginalização ou da exclusão ao acesso ao conhecimento.

Neste contexto, identificamos duas novas classes sociais, por um lado os infoincluídos e, por outro lado, os infoexcluídos, acrescentando nesta última o fator de pobreza incitado pelos mercados internacionais e materializados politicamente.

Efetivamente, a crescente interdependência e a complexidade crescente da vida, numa ótica teilhardiana, incita à aceitação da necessidade de refundar a ordem internacional, em que se cruza e se confunde o exercício da legitimidade nos meios utilizados que, na interpretação de Giovanni Botero, em nome da razão de Estado com o estado da razão na conciliação do indivíduo com a continuidade da imagem observada e recordada na sua memória no túnel do tempo, que lhe proporcionará no futuro uma identidade através da assimilação da mesma no domínio relacional decorrente da representação da imagem de si próprio do ambiente interno para o ambiente externo, na nova dinâmica da conjuntura internacional.

Todavia, esta posição implica a noção tácita de continuidade na descontinuidade na diferenciação do real do irreal, na (re)descoberta do verdadeiro papel do Homem no acompanhamento da evolução e dos mais variados processos de readaptação das relações internacionais. Além disso, retomando Humberto Maturana, com base na *autopoiesis*, consideramos que as relações internacionais operam no sistema vivo e originam fenómenos de relações em rede e de interações com implicações diretas no comportamento psicológico do ser humano, as quais podem incidir, em momentos de perturbação ou de instabilidade do meio externo e envolvente, à reavaliação da sua atitude e da inevitabilidade de ativar o seu estado de violência, para que se proceda a uma mudança estrutural do meio no qual exerce a sua existência.

Paralelamente, recordando os *Six Livres de la République* (1576), de Jean Bodin, assistimos ao surgimento da tendência humanista em nome da *unidade na diversidade* pela promoção de assimilação de valores, com o desiderato de reorganizar o aparelho de poder do estado para recuperar o equilíbrio, exorcizando os medos através de uma transmutação da mente. Este ideal democrático, em nome do exercício pleno de cidadania, posiciona-se para além-fronteiras, tendo dessa forma emergido uma onda de protesto à escala global contra a ordem vigente que apenas defende os interesses financeiros dos mercados internacionais e agências financeiras, entre outros, a Moody's, a Standard & Poors (Média e Pobreza) e a Goldman Sachs, cujos rostos invisíveis se redesenham em redor dos excluídos e marginalizados pelo próprio sistema.

Com efeito, o ser humano integrado tem vindo a evoluir no campo de perceção espaço-temporal na prossecução da garantia da sua sobrevivência, alertando – em nome da “geração à rasca”, dos indignados (*Movimiento 15-Mayo*), a marcha global do 15 de outubro que envolveu mais de 650 cidades em 80 países, Ocupar Wall Street – o escol político-financeiro para uma única certeza, a de que a antiga ordem ruiu, e exigindo assim a reposição da democracia no verdadeiro significado do termo, tal como fora proferido pelo discurso fundador de Péricles, como oração fúnebre, ao referir:

A nossa constituição política não segue as leis de outras cidades, antes lhes serve de exemplo. O nosso governo chama-se democracia, porque a administração serve aos interesses da maioria e não de uma minoria³.

3 Morcira, A., «O ideal democrático. O discurso fundador de Péricles», in A. Moreira, A. Bugallo, e C. Albuquerque, *Legado Político do Ocidente: O Homem e o Estado*, Lisboa, Instituto Português da Conjuntura Estratégica, 1995, p. 27.

Nesse sentido, Marshall McLuhan alertava para essa circunstância da possibilidade de um estado de implosão social resultante da ausência de identidade. Todavia, essa reposição baseia-se, não só na mudança de paradigma, como também no redesenhar de uma nova cartografia de valores humanos alicerçados na dimensão utópica do projeto de continuidade da existência humana, que tendencialmente se encontra cada vez menos vulnerável à escala global, mas que verifica a incapacidade de dar continuidade ao *welfare state* no quadro da sustentabilidade do desenvolvimento económico, conforme fora previsto por Gunnar Myrdal, e que, na ótica de Silvério Rocha Cunha (2007, p. 57), a democracia representativa tem dificuldades em responder derivado à sua relação com o subsistema político económico.

Refra-se, igualmente, que o exercício de cidadania no direito à inclusão engloba, na sua esfera de ação, a cultura humana que, no entender de Sigmund Freud, na obra *L'Avenir d'une illusion* (1927), abrange não só o saber e o poder que o Homem adquiriu como também todos os meios disponíveis para regular as relações entre os seres humanos. Se, por um lado, no quadro da cultura humana é possível relacionar o poder na satisfação da necessidade humana ou na concretização do instinto de cada indivíduo, por outro lado, emerge um novo fator que advirá, necessariamente, da imperatividade de proteger de impulsos agressivos os interesses de uma maioria governada em detrimento da imperfeição da condução do leme da minoria governante.

Deste modo, um estado, enquanto ator das relações internacionais, por justamente se encontrar numa relação de *linkage*, deve procurar aceitar na entrega do poder político que é exercido, como assinala Adelino Maltez, nos *Princípios de Ciência Política*, não em nome particular mas coletivo, uma transferência da legitimidade governativa na conciliação da

maioria pelo reforço do sentimento da dimensão utópica do projeto, que não pretende distanciar a política da razoabilidade intrínseca à realidade funcional do sistema internacional, mas sim aproximar e explorar a relação entre *o ser e o dever ser*.

Nesse quadro, o escritor cubano Alejo Carpentier, na sua obra *El reino de este mundo* (1949), cujo cenário geográfico se localiza na ilha de Haiti, na forma de real-maravilhoso, desenha o retrato da realidade da relação entre o governante e o governado, opondo legitimamente a noção de liberdade à situação de escravatura em correlação com o exercício de autoridade, tendo como pano de fundo paralelo a Revolução Francesa e a Revolução Haitiana, argumentando que a grandeza do Homem consiste em querer melhorar aquilo que, de facto, é a condição humana.

Acrescentáramos ao conceito de condição humana a imagem observada da dimensão da metamorfose da vida, que consiste em aceitar o fundamento da vida humana num contínuo processo de adaptação a novas realidades, que colocam em evidência a aceitação da não indiferença pela diferença do princípio que subjaz à possibilidade de revolta interior, que se refletirá no outro lado do espelho da imagem do Homem na distinção da ideia de bem e de mal, da verdade e da mentira, que leva à interrogação numa ótica santo-agostiniana de se saber se, de facto, a verdade é passível de gerar ou não o sentimento de ódio.

Por conseguinte, recordando a obra *Metafísica* (1765), de Luís António Verney, a presente incógnita pode configurar e integrar o princípio de que as primeiras verdades, ou as principais verdades, das quais o ser humano é parte integrante, consistirão quer no seu conhecimento quer nos factos que advenham da sua mente. Esta consciencialização da verdade obtida pelo conhecimento, ou pela construção dos factos a partir da mente, proporciona ao Homem uma visão global da

relação entre o meio interno e o meio externo. Daí que a procura da maior plausibilidade possível da verdade na observação do ambiente que rodeia o Homem torne possível a instigação de um sentimento de ausência de clareza na compreensão das ações resultantes da obra do ser humano.

Aliás, tendo em consideração, como advoga Miguel de Unamuno, na obra *Do Sentimento Trágico da Vida*, que ao nosso pensamento corresponderia de certa forma a nossa vida, a observação da realidade centrar-se-á, perante a incerteza da inconstância da vida, na sua própria conduta. Nesse caso, em situações de desequilíbrio ou de ameaça provenientes do ambiente externo para o ambiente interno, a interrogação editar-se-á no domínio da racionalidade *versus* irracionalidade dos atos no quadro intemporal da vida humana, com consequências para o sistema vivo no seu todo.

Aqui o fundamento da ação para legitimar o comportamento do indivíduo transpõe a esfera da crença religiosa, na procura da afirmação da personalidade individual, advindo sincronicamente o sentimento de medo e de culpa na materialização da consciência na condução do caminho transcendente interior por entre dois mundos paralelos, o visível e o invisível, para, de facto, sentir a humanidade na personificação da vontade geral e não individual, porque o que se encontra em causa não consiste na descrença do ideal democrático, mas sim na democracia sequestrada pelos mercados internacionais, como refere Eduardo Galeano numas das suas últimas intervenções no dia 24 de maio de 2011, referente à concentração de protesto ocorrida durante umas semanas na Puerta del Sol, em Madrid, e por toda a Espanha.

Por último, anotemos que os atos humanos acabam por moldar a sociedade, de forma consciente, tendo noção das implicações dos atos escolhidos na confluência da intervenção do destino e do acaso no princípio *verum-factum* na relação

entre liberdade e sujeição ao liberalismo, apesar da incerteza reinante, por um lado, na possibilidade de não garantir o ponto de equilíbrio ótimo de instabilidade e, por outro lado, quanto à reação do estado e do mercado face ao caminho que se desenha de mudança de paradigma no sistema internacional, tendo como única certeza que nenhum estado, segundo Joseph Nye⁽⁴⁾, poderá deter a pretensão de assumir na hierarquia das potências a posição de potência global sem conjugar *hard power* com *soft power* para obter *smart power*, que incorpora os instrumentos militares, diplomáticos, políticos, económicos, jurídicos e culturais, legitimando a continuidade da *Realpolitik* nas relações internacionais na prossecução do legado maquiavélico, outorgando apenas uma imagem aparente de mudança de facto do mundo físico visível.

Bibliografia

- Armitage, R.L. e Nye, J. A., «Smarter, More Secure America», *CSIS Commission on Smart Power*. CSIS, 2007 (http://csis.org/files/media/isis/pubs/071106_csissmartpowerreport.pdf).
- Cunha, S.R., «Problemas da cidadania numa era de compressão», in I.E. Carvalhais, *Cidadania no pensamento contemporâneo*. Estoril, Principia, 2007, p. 57.
- Ertighoffer, D., *Netbrain: Planète Numérique: Les batailles des nations savantes*. Paris, Dunod, 2008.
- Heidelberg Institute for International Conflict Research, *Conflict Barometer: 2017*. Heidelberg, 2018 (<https://hiik.de/2018/02/28/conflict-barometer-2017/?lang=en>).
- Mhenni, L. B., *La revolución de la dignidad: La bloguera de Túnez que inició la marea árabe*. Barcelona, Ediciones Destino, 2011.
- 4 Armitage, R.L. e Nye, J. A., «Smarter, More Secure America», *CSIS Commission on Smart Power*. CSIS, 2007

- Moreira, A., «O ideal democrático. O discurso fundador de Péricles», in A. Moreira, A. Bugallo, e C. Albuquerque, *Legado Político do Ocidente: O Homem e o Estado*. Lisboa, Instituto Português da Conjuntura Estratégica, 1995.
- Noya, J., e Rodríguez, B., *Teorías sociológicas de la globalización*. Madrid, Tecnos, 2010.
- Raman, B., «As Tibet simmers, monks targeted», *The Pioneer*, 9 novembro 2011 (<https://groups.google.com/forum/#!topic/talk.politics.tibet/RBB-voPWNKmc>).
- Sager, G., «The last Facebook status update of Bouazizi who set him self on fire starting the Tunisian revolution», *Arab Crunch*, 2011 (<http://arabcrunch.com/2011/01/the-last-facebook-status-update-of-bouazizi-who-set-himself-on-fire-marking-starting-the-tunisian-revolution.html>).